Dia 8 — Santa Isabel, Viúva, Rainha de Portugal

Santa Isabel, bisneta de Santa Isabel, rainha da Hungria, foi filha de Pedro III, rei de Aragão, e neta de Jaime, chamado o Santo e o Conquistador, por sua virtude e por suas valorosas façanhas. Nasceu em Saragoça no ano de 1271, e seu nascimento encheu de tanto gozo toda a casa real que restabeleceu a união e a boa inteligência entre seu pai e seu avô, discordes e mal avindos desde longo tempo antes; presságio feliz do singular dom com que o céu a favoreceu para ajustar as diferenças que se haviam de suscitar depois entre os príncipes de sua família. Chamaram-na Isabel em memória e em honra de sua santa bisavó, canonizada quarenta anos antes pelo papa Gregório IX. Quis encarregar-se de sua educação o rei dom Jaime, seu avô, e muito cedo descobriu o virtuoso monarca tanto a nobilíssima índole como as grandes disposições para a virtude com que havia nascido a infanta. Nada a divertia em sua infância senão os pequenos exercícios de devoção em que se ocupava. O terno amor que professava à Santíssima Virgem, a quem chamava sempre sua querida mãe, inspirava-lhe muitas piedosas indústrias para honrá-la. A nenhuma coisa parecia tomar gosto senão à oração; e o maior que lhe podiam dar era prometer-lhe que a levariam a uma igreja ou a algum oratório para que se encomendasse a Deus. Perdeu seu avô, o rei dom Jaime, aos seis anos de idade; mas a razão e a virtude antecipada da infanta mostraram que já não tinha necessidade de lições. Seu semblante doce e agradavelmente sério, sua modéstia majestosa, sua aversão às galas, fausto, profanidade e diversões, com uma natural inclinação à solidão e ao retiro, deram assunto de admiração a toda a corte, sem que nela se falasse mais que das raras prendas e das grandes virtudes da princesa. Era sua virtude muito superior a seus anos; ainda não contava mais que oito e já maltratava seu corpo com os rigores da penitência. Jejuava com o maior rigor as vigílias das festividades da Santíssima Virgem e todos os sábados do ano. Começou a rezar todos os dias o ofício divino que rezam os eclesiásticos e o continuou indispensavelmente até a morte. Passava horas inteiras em oração, e costumava dizer o rei seu pai que a infanta era o anjo da guarda de seus estados e que a ela devia as bênçãos que o céu derramava tão abundantemente em todos os seus reinos. Mal chegou aos doze anos, quando a pretenderam à porfia os mais dos príncipes da Europa, tanto pela fama de sua extraordinária formosura como principalmente pela de sua singular virtude. Escolheu entre todos o rei de Aragão a dom Dinis, rei de Portugal, que com o tempo experimentou em muitas ocasiões as vantagens que lhe havia proporcionado esta ditosa preferência.

Não alterou os costumes de Isabel a mudança do novo estado. Viveu na corte de Portugal como havia vivido na de Aragão. Não a deslumbrou o resplendor da coroa, nem os regalos da majestade debilitaram o espírito da penitência. Quanto maior era sua elevação, mais sobressalente era sua humildade. Sendo já dona de mais tempo e mais senhora de suas ações, usou de sua liberdade para acrescentar às devoções antigas outras novas. No meio da corte regrou um gênero de vida que se aproximava muito do das religiosas mais observantes. Levantava-se ao amanhecer e,

depois da oração, que fazia com muito fervor, rezava matinas, laudes e prima do ofício divino. Ouvia imediatamente missa, na qual comungava muito amiúde, e, acabada esta, rezava o ofício parvo da Virgem e o ofício de defuntos; depois se ocupava no governo de sua real família e em cumprir as demais obrigações de seu estado, tendo destinadas várias horas para exercitar-se em muitas boas obras. O tempo que lhe sobrava empregava-o todo retirada em sua real capela, parte orando, parte lendo livros espirituais e parte cumprindo as demais devoções. Nunca estava ociosa; o tempo assinalado para descansar o ocupava no trabalho de agulha, e tudo quanto fazia enviava às igrejas, de onde teve princípio nas senhoras de Portugal o exemplar costume de trabalhar sempre para o culto divino e para os sagrados ornamentos.

Persuadida a rainha de que uma das primeiras obrigações de uma senhora cristã é viver bem com o esposo que o céu lhe deu e velar sobre o proceder de toda a sua família, não poupou meio algum para ganhar o coração do rei, seu marido, para regrar seu real aposento e para que cada dia fossem mais cristãos seus criados e criadas. Santificava toda a corte a virtude da rainha; suas obras eram ensinamento, e ninguém podia resistir à eficácia de seus exemplos. Fizeram os cortesãos quanto puderam para que moderasse suas penitências; mas nem a delicadeza de sua compleição, nem sua qualidade, nem sua soberania, nem os poucos nem os muitos anos puderam ser pretexto para que as minorasse. «Em nenhuma parte é mais necessária a mortificação — dizia a santa rainha — que onde as paixões estão mais vivas e onde são maiores os perigos.» Por isso, longe de diminuir, aumentou seus rigores logo que se viu no trono.

Além dos jejuns da Igreja, jejuava três dias por semana todo o advento, desde o dia depois de São João Batista até a Assunção da Virgem; e pouco depois de concluída esta quaresma dava princípio a outra em honra dos santos anjos, a qual durava até o dia de São Miguel. Uma de suas mais sobressalentes virtudes foi a caridade com os pobres. Costumava dizer que Deus só a havia feito rainha para dar-lhe mais meios com que fazer esmola. Tinham ordem seus esmoleres de não negá-la jamais a nenhum pobre. Não se passava dia sem que fizesse alguma visita aos pobres enfermos, e muitas vezes os ia buscar até nas aldeias do contorno. Mais de uma vez manifestou Deus com milagres quão grata lhe era a caridade de Isabel. Visitando em certa ocasião uma pobre mulher que estava coberta de chagas, sentiu-se movida a abraçá-la a piedosa rainha para vencer sua repugnância: executou-o intrepidamente, e no mesmo ponto ficou a enferma inteiramente sã e a princesa com novo vigor para vencer-se a si mesma. Estendia-se a tudo sua caridade; fundou uma casa para as mulheres arrependidas e outra para as crianças expostas.

Todas as sextas-feiras da quaresma lavava os pés a treze mulheres pobres e o mesmo fazia na quinta-feira santa. Uma delas tinha no mesmo pé uma asquerosa chaga, que causava horror; quis a santa rainha curá-la por suas mãos: lavou-a, beijou-a e no mesmo instante desapareceu a chaga da pobre mulher. Diz-se que, levando um dia no regaço uma boa quantidade de dinheiro para repartir entre os pobres, perguntada pelo rei, seu marido, que levava, respondeu a santa que levava rosas; mas, como não era tempo delas, picando ao rei a curiosidade, quis vê-lo e ficou admirado quando seus mesmos olhos lhe deram testemunho de que a rainha havia dito a verdade; milagre que logo se tornou público e, para perpetuar sua memória, até hoje se representa nas imagens e nos retratos da santa.

Era preciso que fosse bem exercitada uma virtude tão eminente; foi-o tanto a de nossa santa rainha que lhe deu muito que padecer. Era para ela uma pesadíssima cruz a vida licenciosa e desordenada do rei seu marido; mas a levou com tão heroica paciência que jamais se lhe escapou nem a mais leve queixa, nem o mais mínimo sinal de desgosto ou sentimento. Menos ofendida de seus agravos que das ofensas de Deus, contentava-se com clamar em segredo ao Senhor pela conversão do rei, pedindo-a sem cessar com orações, com lágrimas e com esmolas. Concedeu-lha Sua Majestade, porque, movido o rei da prudência e cristã conduta da rainha, voltou sobre si e mudou de vida; conversão que sempre se considerou por um dos maiores milagres da santa princesa. Mas muito em breve fez o céu outro em favor da rainha, que publicou no mundo sua heroica virtude com esforçado grito.

Tinha a rainha um pajem muito virtuoso, de muito juízo e de singular prudência; por cujas prendas se valia dele tanto para as esmolas reservadas de muitos pobres envergonhados como para outras várias boas obras secretas. Outro pajem do rei encheu-se de inveja e determinou perdê-lo, com cuja maligna intenção significou ao rei que não era muito inocente a inclinação da rainha para aquele pajem seu, o qual abusava dos favores da princesa em ofensa de Sua Majestade. Era o rei naturalmente cavilador e deu crédito com demasiada ligeireza ao caluniador. Voltando um dia de caça, passou por uma caleira; e, chamando à parte o dono dela, preveniu-o secretamente que na manhã seguinte enviaria um pajem a perguntar-lhe se havia executado já aquela ordem que lhe havia dado, e que no ponto, sem responder-lhe palavra, o arrojasse ao forno da caleira. No dia imediato, muito de manhã, mandou o rei ao pajem da rainha que fosse a tal caleira e perguntasse ao dono se se havia feito o que Sua Majestade havia mandado. Partiu no instante; mas, passando perto de uma igreja, entrou nela a ouvir missa segundo seu devoto costume. Havia já começado a que se estava celebrando, e pareceu-lhe que devia esperar outra, a qual tardou tanto tempo em sair que se dilatou bastante a execução de sua comissão. Impaciente o rei por saber a sorte do pajem, despachou o caluniador para que se informasse se se havia executado o que havia prevenido. Não se deteve este a ouvir missa como o primeiro; antes a maligna complacência de ter mais pronto a notícia de sua morte o fez apressar a diligência. Chegou à caleira e, apenas abriu a boca para perguntar se se havia feito já o que o rei havia mandado, os caleiros o arrebataram e o arrojaram ao forno, onde no instante se converteu em cinza. Pouco depois chegou o pajem da rainha e, perguntando se se havia executado a ordem do rei, respondeu-lhe o dono que tudo se havia feito como Sua Majestade havia mandado. Voltou ao palácio e, assombrado o rei ao vê-lo, fez-lhe várias perguntas; descobriu a estranha equivocação e reconheceu a singular providência do Senhor, que, por um meio tão extraordinário, havia feito patente a maldade de seu pajem e a inocência da rainha, a quem havia ofendido tanto com suas levíssimas suspeitas.

Depois deste lance, parece que nenhuma coisa devia ser capaz de alterar a veneração e a estima que devia fazer da rainha: com tudo isso, ainda se deixou surpreender pela malignidade de alguns cortesãos. Acabava de desposar-se com a infanta de Castela seu filho, o príncipe dom Afonso, e por algumas diferenças indispôs-se com o rei seu pai. Vivamente penetrada de dor a santa rainha por um rompimento tão funesto a todo o Estado, fez quanto pôde para reconciliar o pai com o filho. Afora as extraordinárias penitências que fez, as orações que ofereceu e as lágrimas que derramou para aplacar a cólera do céu e para conseguir da misericórdia do Senhor uma paz sólida entre a família real, trabalhou fortemente com o filho para reduzi-lo a seu dever. O papa João XXII escreveu um breve à santa rainha, exaltando sua prudente conduta; mas algumas pessoas mal-

intencionadas, daquelas que lançam sempre à pior parte as ações mais cristãs, fizeram-na suspeita ao rei, interpretando mal suas frequentes conferências com o filho, e persuadiram-lhe que a rainha era do partido do príncipe dom Afonso. O rei, demasiadamente crédulo, expulsou a rainha do palácio, privou-a de todas as suas rendas e desterrou-a à pequena vila de Alenquer.

Recebeu Isabel esta desgraça como favor especial do céu, e o grande amor que professava ao retiro fez-lhe muito doce o desterro da corte. Aproveitou-se do maior tempo que logrou para aumentar seus exercícios espirituais e suas penitências. Estava tão jubilosa em sua solidão que lhe custou muita dor deixá-la quando, desenganado o rei, lhe enviou ordem para que voltasse à corte. A esta última tempestade seguiu-se uma calma que nunca se alterou depois. O rei deu público testemunho de seu arrependimento e de sua dor pela ligeireza com que havia dado ouvidos à calúnia; pediu-lhe perdão, por seu respeito perdoou ao príncipe seu filho e, com o constante amor e veneração que professou daí em diante à rainha, reparou os ultrajes e maus-tratos com que a havia ofendido.

Aproveitou-se destramente a santa rainha desta confiança do rei, tanto para o bem do Estado como para a santificação do mesmo rei, e tudo conseguiu com felicidade. Havia mais de quarenta e cinco anos que reinava este monarca, quando se sentiu assaltado de uma longa enfermidade que ao cabo o levou à sepultura. Assistiu-o nela Santa Isabel com tanto amor e com tanta vigilância como se tivesse sido uma sentinela, sem separar-se um ponto de sua cabeceira, e teve o consolo de vê-lo receber todos os sacramentos com exemplar disposição e expirar depois entre piedosos afetos. Foi grande sua dor; mas não se abandonou a ela: a que estava tão pouco presa ao mundo não pensava ficar em meio de seu tumulto; e, logo que viu rompido o único laço que a detinha, encerrou-se em seu oratório, prostrou-se aos pés de um crucifixo, consagrou-se ao Salvador e lhe suplicou que a recebesse no número de suas mais humildes servas. No ponto se despojou de todas as insígnias da majestade, cortou com sua mesma mão o cabelo, vestiu o hábito de Santa Clara e, voltando neste traje à sala onde estava exposto o real cadáver, suplicou aos grandes que não a olhassem nem a tratassem mais como rainha. Tendo passado alguns dias em jejuns, em vigílias e em orações perto da sepultura do rei, retirou-se ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra, que ela mesma havia fundado. Havia resolvido abraçar o estado religioso; mas as representações, as súplicas e as instâncias de homens piedosos e doutos a obrigaram a contentar-se com fazer vida de religiosa, sem ligar-se com a profissão. Mandou construir um quarto perto do convento, onde passava em oração os dias e as noites. Desde então começou a ser contínuo seu jejum, mantendo-se com somente pão e água e ocupando-se unicamente em boas obras. Os pobres, as viúvas, os órfãos, os encarcerados achavam em Isabel não só uma poderosa protetora, mas uma amorosa mãe. Estendia-se sua caridade até a outra parte dos mares, dando grossas esmolas para o resgate dos cativos que haviam caído em mãos dos infiéis ou dos piratas.

Desolou uma cruel fome grande parte do reino de Portugal, singularmente a cidade de Coimbra; mas a santa rainha deu tão acertadas providências, fazendo vir grãos de todas as partes, que todos confessavam serem-lhe devedores da vida. Imediatamente depois da morte do rei seu marido, foi em peregrinação visitar o corpo de Santiago, cuja igreja enriqueceu com dons preciosíssimos; e, no ano de 1335, por ocasião do jubileu, repetiu a mesma peregrinação, fazendo-a toda a pé e acompanhada de duas só criadas, pedindo esmola de porta em porta.

Quando se restituiu a Portugal, soube que seu filho, o rei dom Afonso, e seu neto, também dom Afonso, rei de Castela, estavam para declarar-se a guerra. E, como a santa rainha havia recebido do céu uma graça muito singular para ajustar as maiores diferenças e para pôr paz nas famílias, partiu no ponto para reconciliar os dois reis. Bastou a notícia desta viagem para conjurar a tempestade e para unir os corações; mas Isabel caiu gravemente enferma em Estremoz, na fronteira de Portugal e de Castela. Conheceu que se aproximava seu fim e não se pode explicar o fervor com que se dispôs para a morte. Quis receber o santo viático de joelhos e na igreja, vestida com seu hábito ordinário da Terceira Ordem de São Francisco, o que fez com tão terna devoção que a comunicou a todos os circunstantes. Tendo exortado depois o rei seu filho a que fizesse a paz e a que vivesse cristãmente, recebeu a santa unção com a mesma piedade e pediu que a deixassem só. Durante este recolhimento apareceu-lhe a Santíssima Virgem, a quem invocava sem cessar; e, enchendo-a de consolos celestiais, fez-lhe dulcíssima a morte. Mostrou tão extraordinária alegria em seu semblante que acreditou bem o gozo de que estava inundado seu coração. Enfim, pelo anoitecer do dia 4 de julho entregou a alma a seu Criador, aos sessenta e cinco anos de sua idade.

Enquanto viveu, todos a chamavam a santa rainha; depois de morta nunca foi conhecida por outro nome. Mandou o rei seu filho que seu santo corpo fosse transportado a Coimbra com real pompa; deu-se-lhe sepultura na igreja de Santa Clara, como a rainha o havia desejado. Fez-se muito em breve muito glorioso seu sepulcro pelas graças que concedia o céu pela intercessão da santa. De todas as partes acudiam a ele por devoção. O papa Leão X permitiu seu culto público no arcebispado de Coimbra, e Paulo V estendeu esta permissão a todo o reino de Portugal no ano de 1612 , isto é, 276 anos depois da morte da santa rainha. Achou-se inteiro seu corpo envolto num pano de seda, e em sua honra se edificou uma magnífica capela, onde se colocou esta relíquia dentro de uma grande urna de prata. No ano de 1625 , a 25 de maio, canonizou-a solenemente o papa Urbano VIII e mandou que se trasladasse sua festa do dia 4 ao dia 8 de julho, por concorrer no primeiro a oitava dos santos apóstolos.

Martirológio Romano

Na Ásia Menor, São Áquila e Santa Priscila, sua mulher, de quem se faz menção nos Atos dos Apóstolos.

Em Porto, cinquenta bem-aventurados soldados que, atraídos à fé no martírio de Santa Bonosa e batizados pelo papa São Félix, foram vítimas na perseguição de Aureliano.

Na Palestina, São Procópio, mártir, que no tempo do imperador Diocleciano foi levado de Citópolis a Cesareia, onde, à primeira confissão, foi condenado pelo juiz Fabiano a perder a cabeça.

Em Constantinopla, o suplício de muitos santos monges abraamitas que foram martirizados pelo imperador Teófilo porque adoravam as santas imagens.

Em Würzburg, na Alemanha, São Kilian, bispo, que, tendo sido enviado pelo soberano pontífice a pregar o Evangelho e ganhado muitas almas para Jesus Cristo, foi despedaçado com seus companheiros Colmano, presbítero, e Totnano, diácono.

Em Tréveris, Santo Auspício, bispo e confessor.

Perto de Villepreux, na França, São Non, confessor.

Em Mémont, junto a Dijon, São Beury, pastor.

Nas imediações de Samer, no Boulonnais, Santa Eremberta, virgem, sobrinha de São Vilmer.

Em Anjou, São Ducelino, confessor, padroeiro de Alonne e de Vareins, mencionado numa bula de João XVIII.

No mesmo dia, a festa de Santa Palaciata, desterrada pela fé no tempo de Diocleciano e do juiz Díon.

Entre os gregos, São Paulino, o diácono, martirizado sob Coprônimo por defender o culto das santas imagens.

Em Almirida, na Cítia, a degolação dos santos mártires Epitecto e Astião.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Clementissime Deus, qui beatam Elisabeth reginam, inter cæteras egregias dotes, bellici furoris sedandi prærogativa decorasti: da nobis, ejus intercessione, post mortalis vitæ, quam suppliciter petimus, pacem, ad æterna gaudia pervenire. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó clementíssimo Deus, que, entre outros dons com que enriquecestes a santa rainha Isabel, a favorecestes com a graça singular de aplacar o furor das guerras, concedei-nos, por sua intercessão, a paz desta vida mortal, que humildemente pedimos, e depois os ditosos gozos da eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** 10 Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. 11 Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. 12 Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. 13 Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. 14 Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. 15 Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. 16 Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. 17 Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. 18 Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. 19 Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. 20 Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. 21 Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. 22 Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. 23 Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. 24 Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 27 Consideravit semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. 28 Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: 10 Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. 11 O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. 12 Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. 13 Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. 14 Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. 15 E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. 16 Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. 17 Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. 18 Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. 19 Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. 20 Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. 21 Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. 22 Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. 23 Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. 24 Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. 25 A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. 26 Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. 27 Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. 28

Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. [29] Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. [30] A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. [31] Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Nota

«Ainda que esta epístola está tirada do capítulo 31 do livro dos Provérbios, a Igreja lhe chama livro da Sabedoria; porque, como já se notou em outra parte, este nome genérico se dá a todos os livros que compôs Salomão, sem excluir o mesmo livro do Eclesiástico. No capítulo presente, depois de ter referido Salomão todas as instruções que lhe deu sua mãe, faz dela o mais magnífico elogio que se lê de nenhuma outra mulher do Testamento velho; e este retrato pode servir de modelo a todas as mulheres cristãs.»

Reflexões

Quem achará uma mulher forte? É tesouro que dista muito de nós, mais precioso que tudo quanto nos vem das últimas regiões do mundo. É um tesouro uma mulher virtuosa, diz o Sábio; mas tão raro e tão requintado que não tem preço. De onde nascerá esta escassez, quando não há coisa mais comum que a devoção nas mulheres? É verdade; mas tampouco a há mais comum que beatas aparentes e devotas de perspectiva. Não acertam, ou não querem acertar, com a devoção verdadeira, porque não seguem o espírito de Deus, mas seu gênio e seu capricho. O humor, o natural e a inclinação são os únicos oráculos que consultam; governam-se pelo gênio mais que pela razão. Daqui nascem aquelas ilusões, aquelas extravagâncias e até aqueles descaminhos em ponto de devoção que tanto prejudicam a piedade cristã. Uma descuida das mais essenciais obrigações de seu estado com pretexto de exercitar-se em boas obras; outra abandona o cuidado de sua casa e de sua família por estar toda a manhã na igreja; esta se distingue por suas esmolas, e a outra por suas longas devoções; mas nem esta nem aquela pagam aos oficiais, e as casas das duas estão sem ordem e sem governo. Queres formar uma justa ideia de uma mulher verdadeiramente devota e virtuosa? Pois põe os olhos no retrato que faz dela o Espírito Santo na epístola presente.

O santo temor de Deus, que é o princípio da verdadeira sabedoria, é como a base e o alicerce de todas as suas boas prendas. Seu marido lhe entrega o coração e coloca nela toda a sua confiança. Soube-o ela ganhar com sua doçura, com seu humilde rendimento e com seu bom modo; de maneira que inteiramente lhe abandona o cuidado da família, bem seguro de que com seu governo e com sua economia dará providência em tudo, nunca lhe ocasionará o menor desgosto, e será todo o seu estudo a vigilância sobre a casa e a aplicação a que tudo ande bem governado. Possuindo todas as qualidades que constituem uma boa esposa, carecerá de todos os defeitos que tornam infelizes os matrimônios. Será humilde sem afetação, modesta sem artifício, vestir-se-á

decentemente segundo sua qualidade, mas sem profanidade, e por sua virtude merecerá a veneração de todos; de maneira que sua igualdade, sua afabilidade e sua grave compostura não só se deixem admirar, mas tornem amável a virtude. Não será a menor de suas prendas a exatidão em pagar a soldada a seus criados e a caridade em socorrer suas necessidades; estendendo-se esta a compadecer-se também das forasteiras, ganhar-lhe-á o coração de todos os pobres. Longe de dar no escolho da ilusão, estará muito persuadida de que a primeira e a mais principal de suas obrigações é o cuidado de sua família e de sua casa; em cujo conceito gostará muito do retiro, e o tempo que lhe deixarem livre as ocupações de seu estado o empregará em oração, em boas obras e nos trabalhos de mãos. Talvez esta devoção não seja hoje muito da moda nem muito do gosto de todas as beatas; mas não importa: é uma devoção verdadeira, pura e sólida; qualquer outra é suspeita e muito frequentemente mera ilusão e nada mais.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de

fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Do vão e falso resplendor das grandezas humanas

Primeiro ponto

Considera que nenhuma coisa deslumbra mais os olhos que as grandezas humanas e que nenhuma há que tenha menos solidez. Um emprego elevado se vê a muita distância e sempre cercado de esplendor; parece a região do brilho, da magnificência, da abundância e do fausto. As honras, os prazeres e todas as comodidades parece que só se fizeram para os grandes; diante deles tudo se inclina, tudo os adula, tudo se lhes mostra risonho; mas em realidade, que coisa mais vã, que coisa mais apoucada nem que coisa mais superficial que todas essas passageiras grandezas? Quando contentaram nunca plenamente nem a um só coração? Qual é o grande do mundo que se pode chamar verdadeiramente feliz? Achou-se, nem se achará jamais, um só cujo coração estivesse cheio, os desejos saciados e a ambição satisfeita? Têm-se visto santos, sabemos de muitas almas virtuosas que amorosamente se queixaram das doçuras, dos consolos de que estavam inundadas, daquela abundância de gostos e de contentamento de que estavam como santamente embriagadas; mas temos notícia de um só grande, de um só ditoso e afortunado do século que tenha exalado jamais semelhante queixa a respeito dos prazeres do mundo? Ah, meu Deus, e quão fáceis somos em deixar-nos enganar da ilusão e em apascentar-nos de vãs aparências! O menor brilho, o mais fugaz e o mais superficial relâmpago nos deslumbra e nos encanta. Somos uns meninos a quem engana o oropel e nunca vemos mais que a casca. Não há emprego algum desses elevados isento de nevoeiros, e de nevoeiros muito espessos; nenhum que não esteja exposto a furiosos ventos e a espantosas tempestades. A tranquilidade, a serenidade e a calma só reinam nos humildes vales; os lugares baixos e obscuros são os únicos que estão ao abrigo das borrascas. Uma mediana fortuna, sustentada e enobrecida por uma exata honradez e cristandade, é a que torna felizes e tranquilos os homens. Temos visto, e cada dia estamos vendo, que os mais prudentes, e os de maior juízo, vão buscar a paz da alma e a verdadeira felicidade no retiro dos claustros. Sua mesma experiência os faz gostar das doçuras da vida humilde e religiosa e das de uma pobreza voluntária; ao mesmo tempo que os que sobem mais alto, e muito mais acima do que a origem que tiveram, só encontram inquietações, amarguras e sobressaltos na mesma elevação. Meu Deus, e será possível que não queira eu gostar o que experimentam vossos fiéis e verdadeiros servos?

Segundo ponto

Considera que os grandes do mundo, falando com propriedade, só são ditosos na imaginação dos demais; pois na sua certamente não o são. O equipamento, a comitiva, as carruagens, os móveis e o alarde, a isso se reduz toda a sua ventura; mas têm-na em realidade? E de que lhe servirá a um homem que todo o mundo o tenha por feliz, se verdadeiramente não o é? O coração de cada um, e não a opinião alheia, lhe há de dar testemunho de sua felicidade; só o coração é quem o deve dizer. Se a alma está nadando em inquietações, em sobressaltos e em cuidados; se o coração está afogado em amarguras, de que servirá a sua imaginária felicidade nem o esplendor que a rodeia nem o fausto que a circunda e a faz arremedar o afortunado? É muita verdade, ainda que poucos a creiam, que as maiores cruzes, as mais pesadas e as mais insuportáveis só nascem na região dos prazeres. As mais brilhantes dignidades, o fausto mais suntuoso, nem todos os tesouros do mundo são capazes de mitigar as dores da gota nem uma só dor de dentes; pois como aliviarão aqueles molestíssimos cuidados, aquelas mortais desassossegos, aqueles amarguíssimos sobressaltos que são inseparáveis de todos aqueles a quem o mundo reputa por afortunados? Mas afinal suponhamos que, por um privilégio nunca ouvido, esteja alguém isento dessas misérias tão comuns; depois da morte, que resta de todos esses brilhos e grandezas? Ser rico, poderoso e grande por uns poucos dias e ver-se reduzido depois a um punhado de pó e de cinza, que maior desgraça? Pois e se se morre em pecado! Achar-se de repente misturado com o mais vil, com o mais hediondo e com o mais malvado do mundo, condenado no inferno a todo gênero de tormentos! Grandezas humanas, e quão pequeninas pareceis, olhadas à luz da última vela! E que pequenina coisa sois ainda consideradas em meio da vida! Quão prudentes foram os santos em ter feito tão pouco caso de vós! Com que desprezo vos tratou Santa Isabel ainda desde a elevação do trono! E com que prontidão vos abandonou logo que expirou o rei seu marido! Quando há de chegar o tempo em que estes exemplos façam impressão em quem os medita?

Seja, Senhor, neste mesmo ponto; e, abrindo-me os olhos vossa graça, fazei-me conhecer que a verdadeira grandeza só consiste em servir-vos com fidelidade e em amar-vos sem reserva; porque servir-vos a vós é reinar.

Jaculatórias

> *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* Ecl 1.

Vaidade de vaidades, e tudo vaidade.

> *Averte oculos meos ne videant vanitatem; in via tua vivifica me.* Sl 118.

Apartai, Senhor, meus olhos de todas as coisas vãs, caducas e perecedouras da terra; e assisti-me para marchar com alento pelo caminho que guia a vós.

Propósitos

1. Ou nasceste grande, ou te vês elevado a maior fortuna, ou te achas num estado menos brilhante. Se te vês em elevação, não te deixes deslumbrar; faze reflexão continuamente sobre as desvantagens de teu estado, sobre a pouca solidez dessa aparente grandeza, sobre a brevidade e a inconstância dessa enganosa fortuna. Não te fies demasiado do incenso que te tributam; em suma, não é mais que um pouco de fumo que sobe à cabeça, cuja nenhuma consistência é imagem natural da vaidade e da insubstancialidade de tua grandeza. Se te achas em classe inferior, não invejes os que estão sobre ti, ou pelo nascimento, ou pelos empregos, ou pelos bens de fortuna. Tem por certo que aos que são chamados ditosos do século não lhes tocou por herança nem lhes coube na partilha a felicidade. O pensamento da morte e da eternidade é muito eficaz para extinguir a inveja nos pequenos, o orgulho e a vaidade nos grandes.

2. Não te contentes com o estéril conhecimento de que as grandezas humanas são como aqueles relâmpagos acompanhados de trovões, que fazem muito ruído e desaparecem no mesmo momento em que se formam. Pergunta-te muitas vezes a ti mesmo, quando leres uma história, quando olhares um retrato, quando admirares um palácio, uma magnífica casa de campo: em que pararam aqueles grandes príncipes, aqueles famosos capitães, aqueles homens afortunados, aqueles varões assinalados por seu nascimento, por seus exemplos, por suas dignidades? Que lhes ficou agora de sua grandeza, daquela superioridade de engenho, de sua magnificência e de sua ostentosa suntuosidade? Brilharam, fizeram muito ruído, mas já passaram: *Et solum superest sepulchrum*; anda, vai revolver aquele punhado de cinza; a isso se reduzem todos os vestígios daquela grandeza e daquela felicidade. Faze esta meditação ao menos uma vez cada semana e dá mil graças a Deus todos os dias se vives num estado humilde e obscuro. Hás de estimar a mediocridade de tua fortuna, a mesma pobreza e até os trabalhos desta vida como os meios mais seguros para conseguir tua eterna salvação e, consequentemente, pelo estado mais ditoso, contanto que vivas nele cristã e piedosamente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:05 by Admin